

2

Vida e Obra de Abdias do Nascimento.

“Hoje, mais do que nunca, compreendo que nasci exilado de pais que também nasceram no exílio, descendentes de gente africana trazida à força para as Américas”.

Abdias do Nascimento

A criação do Teatro Experimental do Negro é mais um capítulo da trajetória militante e política de Abdias, um de seus fundadores. Portanto, temos que contextualizar o teatro na vida e na obra de Abdias do Nascimento.

Em primeiro lugar, minha principal motivação em desenvolver uma pesquisa sobre a dimensão educativa do Teatro Experimental do Negro se deu com a leitura do livro *“O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil”* de Elisa Larkin Nascimento, cujos capítulos finais se destinam à trajetória histórica do TEN. Apesar de não traçar uma biografia exaustiva da vida de Abdias do Nascimento, compreendemos que a criação do Teatro Experimental do Negro faz parte de uma história de vida marcada por lutas contra a discriminação racial. Assim, não podemos dissociar o TEN da figura significativa de Abdias, que vê na educação uma esperança e uma arma de luta contra a exclusão social vivida pelo negro na sociedade brasileira.

Considerando que – em especial neste capítulo – e no trabalho como um todo, os registros orais ocupam lugar de destaque, julgamos importante tecer algumas considerações sobre as relações entre história e memória. Antes de mais nada, a narrativa oral se constitui em uma fonte histórica. Entendida como documento, ela precisa ser analisada dentro dos postulados que a constroem. A memória relaciona-se com códigos culturais ligados ao pertencimento social do sujeito. Mecanismo seletivo, ela fornece dados importantes sobre contextos e processos que envolvem diferentes atores sociais, sem contudo estar filiada a um estatuto de “verdade”. O depoimento é uma narrativa e como tal guarda interesses, conflitos, expectativas e visões em torno de determinado acontecimento. Nessa mesma direção está o conceito de memória. Como reconstrução do passado, ele

possibilita entrelaçar passado e presente dando voz a sujeitos que reconstituem o passado através de suas experiências de vida em diferentes processos sociais.⁴

Abdias do Nascimento nasceu em Franca, interior do Estado de São Paulo, no dia 14 de março de 1914. Sua família era numerosa, somando total de sete filhos. Sua mãe era doceira, cozinheira, costureira e ama de leite de filhos de fazendeiros de café. O pai era sapateiro e um católico praticante. Com 13 anos de idade, Abdias já ensinava o primário e atuava como guarda livros em fazendas e sítios da vizinhança.

Um fato ocorrido na infância de Abdias do Nascimento contribuiu para o despertar de sua consciência com relação à situação do negro na sociedade brasileira.

“Há um fato da infância que até hoje permanece vivo na minha memória. Havia um garoto preto e órfão, meu colega de escola, mais pobre do que nós éramos. Certa feita, uma vizinha branca se encontrava dando uma surra no menino (nem me lembro por que); isto se passava na rua, defronte de nossa casa. Minha mãe, sempre tão doce e calma, encheu-se de fúria inesperada, correu em defesa do moleque. Esta cena marcou o começo da minha consciência sobre a realidade da situação do negro no Brasil (p. 26)”⁵

Com dezesseis anos Abdias, entrou para o Exército, mas – conforme ele mesmo narra - foi expulso devido a uma briga na porta de um bar depois de – junto com um colega – ser barrado – pelo fato de ambos serem negros. Ainda no quartel, Abdias fundou um jornal chamado *O Recruta* e distribuía exemplares do periódico *Lanterna Vermelha*, um jornal comunista clandestino.

Desde a infância, Abdias se envolvia com protestos de rua e passeatas contra a discriminação e lutas pela integração do negro à sociedade. No entanto, sua primeira experiência de luta orgânica foi com a Frente Negra Brasileira, fundada em 1931, em São Paulo por Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite, dentre outros ativistas. De acordo com Abdias, uma das estratégias de ação da Frente era “fazer protestos contra a discriminação racial e de cor em lugares públicos”. Nesta mesma época, ele ainda servia ao Exército e por isso não podia se envolver profundamente nestas ações.

⁴ Interessantes discussões vêm sendo travadas em torno das relações entre história e memória. Ver dentre outros: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

⁵CAVALCANTI, Celso Uchoa (Coord.). Abdias do Nascimento. *Memórias do Exílio*. São Paulo: Editora e Livraria Livramento LTDA., 1976. p. 23 – 52.

No entanto, continuava a distribuir panfletos e jornais que denunciavam a ditadura Vargas e o imperialismo norte-americano. De acordo com Abdias, em depoimento ao livro *Memórias do Exílio* (1976):

“Em dezembro de 1937 fui preso juntamente com um grupo de estudantes universitários quando distribuíamos panfletos denunciando a ditadura Vargas e o imperialismo norte – americano. Condenado pelo famigerado Tribunal de Segurança Nacional, fui mantido na penitenciária do Rio de Janeiro até abril do ano seguinte (p. 30)”.

Ao sair da prisão em abril de 1938 regressou para Campinas e, juntamente com Aguinaldo Camargo e Geraldo Campos de Oliveira, organizou o I Congresso Afro Campineiro, em comemoração ao dia 13 de maio, no Instituto de Ciências e Letras, com apoio de Nelson Omegna, na época professor de Sociologia da Escola Normal e futuro Ministro do Trabalho. Neste Congresso, discutiram-se as condições de vida do negro na sociedade brasileira sob vários aspectos: econômico, social, político e cultural. De acordo com Abdias, o Congresso movimentou a cidade, pois Campinas era muito racista e possuía placas de rua indicando “lugar para negro, lugar para branco”.

Em torno dos seus trinta anos, Abdias fez uma viagem pela América do Sul, acompanhando o grupo Santa Hermandad Orquídea, que surgiu no Rio de Janeiro, no final da década de 1930, formado por seis artistas e poetas: Gerardo Mello Mourão, Napoleão Lopes Filho, Abdias do Nascimento (brasileiros) e Godofredo Iommi, Raul Young e Efraim Tomás Bó (argentinos).

Em depoimento ao livro *Memórias do Exílio* (1978), Abdias do Nascimento aponta que após um período viajando com poetas argentinos decidiu fundar um teatro de negros no Brasil:

“Por volta do ano de 1940-1941 juntei-me à Santa Hermandad Orquídea, um grupo de poetas argentinos e brasileiros: Efraim Bó, Godofredo Iommi, Juan Raul Young, Napoleão Lopes Filho e fizemos uma longa viagem por todo o rio Amazonas, até o Ucaiyali, na base da cordilheira dos Andes. Após viver algum tempo em Lima e Buenos Aires, regressei ao Brasil. Procurei em São Paulo alguns escritores, meu amigo Fernando Góes, que me apresentou a Mário de Andrade e outros. Mas não encontrei receptividade à idéia de fundar um teatro negro”. (p. 35)

Em outra entrevista⁶, ele declara que esta viagem ao Peru foi a sua maior motivação na idéia de criação de um Teatro Experimental do Negro, ao assistir a peça teatral, “O imperador Jones”, no Teatro Municipal de Lima, cujo personagem protagonista era um ator argentino pintado de preto:

“Neste momento refleti sobre a situação do negro no Brasil e decidi que quando retornasse criaria um teatro negro, para fortalecer os valores da cultura tradicional africana e combater o racismo” (2003: 30)

Ao regressar ao Brasil, em 1944, Abdias funda o Teatro Experimental Negro, no Rio de Janeiro, com objetivo de:

“Reabilitar e valorizar a identidade, a herança cultural e a dignidade humana do afrodescendente. Une a atuação política à afirmação da cultura de origem africana, representando um avanço na luta contra o racismo no século XX. (...) Promove a inclusão do ator, diretor e autor negros num teatro brasileiro, onde a norma era brochar de preto o ator branco quando houvesse um protagonista negro. Revela o potencial cênico dos heróis negros e da epopéia afro-brasileira, até então excluídos da dramaturgia nacional” (p. 29).⁷

A estréia da peça o Imperador Jones, de Eugene O’Neill, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no dia 08 de maio de 1945, foi um marco para o Teatro Experimental do Negro, que manteve suas atividades até 1964. A censura, a partir do Golpe de 1964, prejudicou o andamento das atividades do TEN e com a repressão política as estratégias de ação da entidade ficaram restritas. Em fins de 1968, Abdias chega aos Estados Unidos para ficar um mês.

Pouco antes de viajar, Abdias começa a pintar no apartamento em que morava no bairro carioca de Copacabana. Ao chegar aos Estados Unidos, um Departamento da Columbia University comprou um quadro seu por mil dólares. Em seguida, a Yale School of Drama e a Wesleyan University (em Middletown, Connecticut) convidaram-no como professor visitante. A Universidade do Estado de Nova York, em Búfalo, convidou-o como professor associado, no Departamento de Estudos Porto-Riquenhos e após dois anos foi promovido a professor catedrático com vitaliciedade.

⁶ PERES, Maria Alice Guimarães. O rebelde da causa negra. Revista Eparrei, São Paulo, n. 05, p-29-32, 2º Semestre/ 2003.

⁷ NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Abdias do Nascimento 90 anos – Memória Viva*. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2004.

Além destas atividades e convites para atuar no mundo acadêmico, Abdias do Nascimento participou de eventos internacionais do mundo africano. Dentre eles: 6º Congresso Pan-Africano (Dar-es-Salaam, 1974) e o Encontro por Alternativas para o Mundo Africano, reunião de fundação da União de Escritores Africanos (Dakar, 1976). Leciona como professor visitante no Departamento de Línguas e Literaturas Africanas da Universidade de Ifé, na cidade nigeriana sagrada de Ilé-Ifé. Participa do 2º Festival Mundial de Artes e Culturas Negras e Africanas (Festac 77), em Lagos, e do 1º e 2º Congressos de Cultura Negra das Américas (Cali, Colômbia, 1977 e Panamá, 1980) e é eleito Coordenador Geral do Terceiro Congresso de Cultura Negra das Américas⁸.

Sua trajetória de vida militante, artística e política foi reconhecida nos Estados Unidos e não cessaram convites para exposições, seminários, conferências e audiências em distintas universidades. Em 1969, Abdias do Nascimento realiza sua primeira exposição individual no “The Harlem Art Gallery”, em Nova York.

Seu dom para a pintura se intensificou nos Estados Unidos, local em que Abdias se dedicou intensamente às artes plásticas. Em depoimento ao citado livro *Memórias do Exílio* (1976), Abdias registra este fato:

“Uma coisa sensacional aconteceu comigo nos Estados Unidos. Bloqueado pelo inglês, desenvolvi uma nova forma de comunicação. Ao invés de aprender a falar bem uma outra língua, descobri que possuía uma outra forma de linguagem dentro de mim: descobri que podia pintar; e pintando eu seria capaz de mostrar o que palavreado nenhum diria (1976: p. 49)”.

Sua pintura buscava representar os orixás, divindades africanas cultuadas nos rituais de candomblé e em outras religiões de matriz africana. Na perspectiva de Abdias:

“Os orixás (divindades) descem de suas moradas celestes para ganhar corpo humano: eles dançam, comem, bebem. Pura vitalidade, o candomblé não é o ópio do povo. Seus deuses são dinâmicos, incorporam um profundo sentido de libertação. São divindades históricas, envolvidas na dinâmica libertadora do negro (2004: p. 49)”.⁹

⁸Para melhores informações consultar o site do IPEAFRO: www.ipeafro.org.br

⁹CAVALCANTI, Celso Uchoa (Coord.). Abdias do Nascimento. *Memórias do Exílio*. São Paulo: Editora e Livraria Livramento LTDA., 1976. p. 23 – 52.

Até retornar ao Brasil, em 1981, Abdias realizou nos Estados Unidos um total de 17 exposições individuais. Dentre elas: 1) The Harlem Art Gallery, Nova York, 1969; 2) Crypt Gallery, Universidade Columbia, Nova York, 1969; 3) Escola de Arte e Arquitetura, Universidade Yale, New Haven, CN, 1969; 4) Malcom X House, Wesleyan University, Middletown, CN, 1969.¹⁰

Em 1981, de volta ao Brasil, em parceria com Elisa Larkin Nascimento, funda o IPEAFRO (Instituto de Pesquisas e Estudos Afro – Brasileiros), em São Paulo, atualmente coordenado por Elisa Larkin no Rio de Janeiro, com objetivo de compilar toda a obra e acervo de Abdias do Nascimento:

“Por iniciativa de Abdias do Nascimento, o IPEAFRO nasceu na PUC – SP em 1981, com o objetivo de aprofundar o conhecimento das matrizes africanas da cultura brasileira numa perspectiva interdisciplinar e desde o ponto de vista próprio da comunidade negra. Atualmente, o principal projeto do IPEAFRO é a organização do acervo de Abdias do Nascimento, com objetivo de colocar à disposição do público, em forma digital, documentos e obras de arte que registram uma parte importante da história e cultura do Brasil (Elisa Larkin Nascimento)¹¹”.

Para Elisa Larkin Nascimento o IPEAFRO é uma extensão do Teatro Experimental do Negro, com caráter de pesquisa e científico, pois cumpre com um dos desejos de Abdias do Nascimento: a criação de um Departamento de Estudos e Pesquisas do TEN. O Teatro Experimental do Negro criou um projeto, em 1949, em parceria com o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, de criação do Instituto Nacional do Negro, um departamento de estudos do TEN. No entanto, este projeto não chegou a concretizar-se efetivamente devido à falta de uma sede própria. O IPEAFRO, localizado no Bairro da Glória, no Rio de Janeiro, desde sua fundação tem desenvolvido projetos de pesquisa e capacitação de professores.

¹⁰As demais exposições realizadas são: Gallery of African Art, Washington D.C., 1970; Gallery Without Walls, Buffalo, NY, 1970; Centro de Estudos e Pesquisas Portorriquenhos, Universidade do Estado de Nova York em Buffalo, 1970; Departamento de Estudos Afro – Americanos, Universidade Harvard, Cambridge, MA, 1972; Museu da Associação Nacional de Artistas Afro – Americanos, Dorchester, MA, 1971; Studio Museum in Harlem, Nova York, 1973; Lagston Hughes Center, Buffalo, NY, 1973; Fine Arts Museum, Syracuse, NY, 1974; Galeria da Universidade Howard, Washington D.C, 1975; Inner City Cultural Center, Los Angeles, 1975; Ile – Ife Museum of Afro – American Culture, Philadelphia, 1975; Museu de Artes e Antiguidades Africanas e Afro – Americanas, Centro de Pensamento Positivo, Buffalo, NY, 1977; El Taller Boricua e Caribbean Cultural Center, Nova York, 1980.

¹¹ Material de divulgação do IPEAFRO, elaborado para a Exposição Abdias do Nascimento 90 Anos Memória Viva, de 15 de novembro de 2004 a 01 de maio de 2005.

Entre 1983 e 1995, o IPEAFRO realizou o Curso de Capacitação de Professores intitulado “*Sankofa: conscientização da cultura afro-brasileira*”, sinalizando importantes discussões, atualmente possíveis de serem encontradas no texto da Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 que – conforme já salientamos - insere a temática da História e da Cultura Afro – Brasileira e Africana nas instituições oficiais de ensino.¹²

Ainda na década de 1980, já no Brasil, Abdias lidera a criação da Secretaria do Movimento Negro do PDT. Assim, ele se torna, na história política brasileira, o primeiro deputado federal (1983-1987) e senador (1991-1999) afro-brasileiro a dedicar seus mandatos à luta contra o racismo. Como reflexo e reconhecimento desse engajamento à questão negra, o histórico militante participa mais recentemente da 3ª Conferência Mundial contra o racismo em Durban, África do Sul, realizada em 2001.

¹² Informações retiradas do site: www.ipeafro.org.br, em 22 de julho de 2006.